

OFICINA 01: A REPRESENTAÇÃO DO CERRADO NO MUNDO INFANTIL

1) INFORMAÇÕES GERAIS

- a) **Oficineiras/ Reladoras:** Wilma M. Amorim, Livia dos Reis Mendes e Jorgeanny de Fátima Rodrigues
- b) **Local:** Comunidade Engenho II – Cavalcante-GO
- c) **Data:** 24/09/2011
- d) **Duração:** 3 horas, no período vespertino
- e) **Total de vagas oferecidas:** 30
- f) **TOTAL DE PARTICIPANTES:** 44 crianças de 3 a 15 anos

2) ESTRUTURA DA OFICINA/CURSO

2.1. Objetivo Geral

- Despertar o sentimento de valorização do cerrado por meio do conhecimento de suas potencialidades.

2.2. Objetivos Específicos

- Despertar o interesse pelas potencialidades do cerrado referentes aos recursos hídricos e vegetação.
- Reconhecer o valor nutritivo dos frutos do cerrado.
- Compreender as formas de representações do cerrado que estão presentes no imaginário infantil.

3) RELATÓRIO DA OFICINA

3.1 Caracterização

A oficina se iniciou com a apresentação oral dos participantes e conversa com as crianças sobre os elementos que elas percebem na paisagem do cerrado. Terminado esse primeiro momento, continuamos a oficina com músicas relacionadas à temática abordada e brincadeiras como incentivar as crianças a fazer desenhos da paisagem cerradeira. Houve também premiação pela participação das crianças e apresentação de seus respectivos desenhos e comentários sobre os itens predominantes nessas imagens.

Em razão do grande número de participantes os mesmos foram acomodados no chão da sala de aula, por não existir um número de carteiras suficientes. A pouca idade da maioria de nosso público, em torno de cinco, seis e sete anos de idade, nos levou a promover algumas alterações na proposta da oficina, mas, que no geral aconteceu de forma bastante satisfatória cumprindo o objetivo proposto.

3.2. Descrição da metodologia trabalhada

Dinâmica da Apresentação: Após as apresentações e introdução do conteúdo foram apresentadas perguntas norteadoras.

- O que você entende por Cerrado?
- Que tipo de recursos encontramos nele?
- Como são usados esses recursos?
- Qual a importância da vegetação e recursos hídricos do cerrado para nossas vidas?
- Como preservá-lo?

As respostas evidenciadas pelos participantes serviram para direcionar a discussão no sentido de abordar as questões ambientais ligadas ao bioma cerrado.

- O uso de músicas, relacionadas com a temática proposta, acompanhada de gestos rítmicos, deram vida e incentivaram a participação efetiva do público infantil.
- A distribuição de folhas de papel chamex e os brindes oferecidos (lápiz de cor, massa de moldar) foram importantes nos momentos de convivalidade com as crianças.

4) AVALIAÇÃO

4.1 Pontos Positivos

- A oficina atendeu um grande número de crianças, que se mostraram interessadas e participativas. Foi possível presentear todas as crianças o que proporcionou um momento de descontração e alegria entre elas.

4.2 Pontos negativos

- Ao finalizarmos a oficina realizamos uma avaliação da mesma, bem como de todo grupo responsável pelas atividades com as crianças e destacamos como ponto negativo, a falta de integração entre os membros responsáveis pela mesma.

5) CONSIDERAÇÕES

Considera-se que o objetivo da oficina foi atendido conforme a proposta realizada pelas coordenadoras. Percebemos a integração entre os participantes, que se sentiram a vontade em conversar sobre os assuntos abordados como os alimentos e animais encontrados no cerrado e quais as ameaças que o cercam como desmatamento e queimadas.

Apesar da diferença de idade entre as crianças que participaram da oficina, observamos o conhecimento e conscientização de todas elas, acerca das riquezas naturais presentes na comunidade como os rios e árvores frutíferas. Algumas delas salientaram a importância de se preservar o bioma cerrado.

OFICINA 02: INFORMAÇÃO E RECEPTIVIDADE TURÍSTICA

1) INFORMAÇÕES GERAIS

- a) **Ministrantes/ Relatores:** Luana Nunes Martins de Lima / Maísa França Teixeira / Maria Geralda de Almeida
- b) **Local:** Comunidade Engenho II – Cavalcante-GO
- c) **Data:** 24/09/2011
- d) **Duração:** 10hrs às 13hrs
- e) **Total de vagas oferecidas:** 20
- f) **TOTAL DE PARTICIPANTES:** 15 pessoas entre jovens e adultos.

2) ESTRUTURA DA OFICINA/CURSO

2.1. Objetivo Geral

- Capacitar quilombolas para receber, orientar e dar assistência a turistas.

2.2. Objetivos Específicos

- Promover ações de desenvolvimento local;
- Propor e expor a possibilidade do desenvolvimento do turismo comunitário por meio de estudos de casos e diálogos;
- Possibilitar aos participantes condições de criarem e gerenciarem roteiros e itinerários turísticos na região, mobilizando seu próprio potencial;
- Fornecer informações sobre a necessidade da união e do trabalho em grupo.

3) RELATÓRIO DA OFICINA

3.1. Caracterização/ Descrição da metodologia trabalhada:

Inicialmente houve a apresentação de três vídeos com estudos de caso das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo, que aderiram ao turismo de base comunitária e participam de uma economia em que todos da comunidade são incluídos no desenvolvimento proporcionado por essa atividade.

A cada vídeo apresentado, havia a comparação, os contrastes e semelhanças e incitava-se a problematização do tema.

Em seguida, foi realizada uma dinâmica de metodologia participativa que foi denominada “*Desenhando o Espaço Kalunga*”. Nessas atividades os participantes foram divididos em grupos, e em um papel cartaz desenharam a comunidade em que vivem, tentando abordar todos os espaços, desde os espaços domésticos vividos cotidianamente, até os lugares considerados atrativos para o turismo. Os grupos desenvolveram 3 mapas feitos com o “olhar de cada um” sobre seu próprio espaço. Foi proposto então, que os universitários elaborassem um mapa completo a partir das informações que os participantes dispuseram no que fizeram. Este mapa será devolvido e servirá como meio de divulgação dos potenciais e dos atrativos turísticos, bem como a espacialização do Engenho II, para a comunidade local e para os visitantes.

Concluindo as discussões, constatou-se que a principal dificuldade para que o turismo se estabeleça efetivamente é a falta de divulgação. Finalizamos a oficina enfatizando a importância da ação cooperativa entre a comunidade para que todos possam se beneficiar da atividade turística.

Foi feito o sorteio de uma bolsa do projeto e, por fim, um convite para que todos participassem da oficina que se realizaria na parte da tarde sobre a Biodiversidade e Biopirataria no Cerrado.

4) AVALIAÇÃO

4.1 Pontos positivos

- Houve boa participação, com uma quantidade expressiva de ouvintes. Muitos presentes contribuíram nas discussões realizadas, dando sua opinião e apresentando propostas.
- A dinâmica “Desenhando o Espaço Kalunga” foi realizada com entusiasmo e participação coletiva.
- Houve atenção por parte dos participantes, tanto aos vídeos, quanto às falas das relatoras.
- Houve problematização da temática do turismo.
- Os participantes demonstraram compreender a necessidade de uma boa informação e receptividade turística.

4.2 Pontos negativos:

- Nem todos da comunidade Kalunga envolvidos com a atividade turística, como guias, produtores de doce, farinha, artesanato, participaram.
- O tempo foi insuficiente para realização de todas as atividades planejadas. A oficina não iniciou-se em tempo pré-estabelecido para que isso fosse possível.
- Houve certa timidez e falta de domínio das ministrantes, o que dificultou a interação logo no início da oficina.

5) CONSIDERAÇÕES

Considera-se necessário a reelaboração da metodologia para as próximas ocasiões, dando maior ênfase na realidade vivida por essas comunidades. Também é importante dar um retorno à comunidade do Engenho II, tanto para o mapa proposto, quanto em relação à apresentação de projetos que busquem solucionar as principais dificuldades em relação ao desenvolvimento do turismo, como a falta de divulgação, por exemplo.

OFICINA 03: BIODIVERSIDADE, BIOPIRATARIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA

1) INFORMAÇÕES GERAIS

- a) **Ministrantes /Relatoras:** Lara Cristina Ferreira e Sara Augusta Ferreira
- b) **Locais visitados:** Comunidade Engenho II – Cavalcante-GO
- c) **Data :** 24 de setembro de 2011
- d) **Data:** 24/09/2011
- e) **Duração:** 10hrs às 13hrs
- f) **Total de vagas oferecidas:** 20
- g) **TOTAL DE PARTICIPANTES:** 8 pessoas entre jovens e adultos.

2) ESTRUTURA DA OFICINA/CURSO

2.1. Objetivo Geral

- Apresentar para membros da comunidade Kalunga conceitos, noções e discussões a respeito das temáticas de biodiversidade.
- Trocar conhecimentos com a comunidade a partir do levantamento do conhecido sobre as temáticas e das práticas existentes que se assemelham as práticas de economia solidária.
- Criar um ambiente-debate sobre a riqueza do Cerrado e a importância da preservação da biodiversidade e do exercício de ações da economia solidária.
- Oferecer aos participantes da oficina a possibilidade de identificar a biopirataria.

2.2. Objetivos Específicos

- Possibilitar o reconhecimento da biopirataria.
- Demonstrar a economia solidária como uma possibilidade de desenvolvimento econômico comunitário.

3) RELATÓRIO DA OFICINA

3.1 Caracterização

Essa oficina teve como objetivo principal estabelecer uma troca de conhecimentos com a comunidade Kalunga no que se refere à biodiversidade do Cerrado e a importância de se valorizar esse bioma, bem como pôr em discussão a Biopirataria: o que é? Como identificar um biopirata? E quais as experiências que eles já vivenciaram com a biopirataria? Essa oficina foi realizada sob a perspectiva da participação e da troca de saberes entre os oficinasistas e a equipe.

3.2. Descrição da metodologia detalhada

Primeiramente foi feita uma apresentação da equipe e dos participantes, depois foi pedido aos oficinasistas que colocassem no papel, por meio de desenhos ou escrita, o que era o “Cerrado para eles e qual a sua relação com este bioma”. Depois pediu-se para que eles dissessem sucintamente o que eles haviam externalizado no papel.

A partir daí foi feita a exposição do conteúdo da oficina sobre Biodiversidade do Cerrado e Biopirataria, utilizando uma apresentação com mapas e imagens, projetadas por um *datashow*.

Após a exposição foi perguntado aos participantes se eles haviam mudado a percepção sobre o Cerrado. Se fosse dada novamente outra folha de papel, o que eles haveriam desenhado mudaria?

E para finalizar, abriu-se para o debate (questionamentos e intervenções), além de fazer uma reflexão sobre a necessidade de se repassar para as gerações futuras a importância de se preservar o Cerrado e o cuidado com a Biopirataria.

Dando seqüência, mudamos a temática para economia solidária, começando por discutir o que é economia e o que seria a economia solidária. Para posteriormente, discutirmos porque essa economia seria interessante para a comunidade, pensando nas várias formas de desenvolver a mesma.

Para ampliar a discussão e exemplificar de forma prática e dinâmica, utilizamos o vídeo “A história das coisas”, com duração de 12 minutos, que ilustra economia e economia solidária e economia sustentável. Após o vídeo, fizemos algumas comparações entre os problemas apresentados no vídeo e os problemas enfrentados pelos participantes em sua comunidade, o que resultou em um diagnóstico: apesar de não serem na dimensão abordada no vídeo, os problemas também são vivenciados na comunidade, o que levou a discussão sobre a necessidade de se construir uma economia sustentável.

Já de posse da noção de economia solidária, solicitamos que os participantes escrevessem pelo menos três possíveis itens, que poderiam ser trabalhados dentro dessa lógica na comunidade de cada um, levando em consideração a disponibilidade de matéria prima, de técnicas e instrumentos para sua produção, e claro, no seu impacto ambiental e a sustentabilidade. Depois de alguns minutos, solicitamos que cada um expusesse os itens que escreveu e explicasse por que os considerava viável dentro da economia solidária, discussão que rendeu um bom debate entre os vários participantes, devido à divergência de opinião e conhecimento, alguns apresentavam produtos que para sua produção necessitam de matéria prima que não está em abundância na região. Outros colocaram produtos que em sua produção causa degradação ambiental.

Após essa conversa, levantamos a seguinte questão: por que produtos que são fabricados na cidade e que nem sempre tem qualidade superior aos fabricados na comunidade rural, como doces e bebidas, são vendidos com menor dificuldade, enquanto que o comércio local sofre com a pouca aceitação dos consumidores externos? A partir da pontuação de diversos fatores que contribuem para isso, usamos exemplos como o da Natura Cosméticos para ilustrar, e contribuir para uma mudança no sentido da adaptação desse mercado a esses consumidores que é seu principal destinatário.

Encerramos a oficina enfatizando, que é possível desenvolver economia solidária dentro de pequenas comunidades e que existem grandes vantagens nesta. Mas, que nada acontece do nada, mesmo as grandes empresas que já começaram com grandes recursos, enfrentaram problemas, tiveram que abrir caminhos no mercado e se adaptar ao cliente e até apreender coisas novas, “não existe milagre, apenas trabalho” como diz Albert Einstein. E não há dúvida de que toda caminhada de mil quilômetros começa com um passo, é preciso transpassar nossas limitações para chegar ao desejado.

Na última fala, abrimos espaço para os comentários dos participantes sobre a oficina (até por uma necessidade de avaliação da mesma) e nosso agradecimento aos participantes.

4) AVALIAÇÃO:

4.1 Pontos positivos:

- Participação dos opinistas, dando opiniões e trocando saberes.
- O levantamento dos possíveis produtos, que poderiam ser comercializado dentro da lógica da economia solidária na percepção dos participantes.

4.2 Pontos negativos:

- Poucos interessados na oficina;
- A dificuldade em dar um sentido prático aos temas abordados.
- O atraso no horário de começar, que reduziu o tempo previsto da oficina.

6) CONSIDERAÇÕES

Conforme a avaliação acima, apesar de não termos alcançado todos os objetivos propostos, de maneira geral compreendemos que toda a ação dessa oficina como positivo, tendo em vista que os principais objetivos foram alcançados.

Uma colocação final, penso que seria a clara percepção de que embora, nosso principal objetivo fosse de contribuir com a comunidade do Engenho II, e nos empenhamos nessa tarefa, ao finalizarmos e refletirmos sobre essa ação, a maior contribuição da mesma se deu em nós, no desenvolvimento da percepção, das construções, das divergências e ideologias formadoras de diferentes visões de um mesmo espaço. Compreensão esta, que muitas vezes não tivemos a sensibilidade de absorver nas inúmeras leituras de autores que estudam essa comunidade, sua história, singularidades e os aspectos que constrói toda organização estrutural, que sem dúvida, constitui uma autêntica arte.

AVALIAÇÃO GERAL

As três oficinas atingiram suas metas no que diz respeito a provocar troca de saberes entre a academia e ao conhecimento popular. Contudo, a academia por meio de estudantes e professores já constata a necessidade de adequar sua linguagem e procurar mecanismos que facilitem nas oficinas a compreensão científica.

O público foi, sobretudo, da comunidade do Engenho II. Futuramente, estas oficinas deverão ser ampliadas para que outros Kalunga possam participar da troca de saberes.

Goiânia, 18 de Outubro de 2011.
Maria Geralda de Almeida
Coordenadora do Projeto